

O CONCEITO DE VONTADE EM SCHOPENHAUER NA INICIAÇÃO FILOSÓFICA DE JOVENS E ADULTOS NO CAMPO ACADÊMICO BRASILEIRO

Daniel Vidal Martins¹

Orientador: Paulo Cesar Delboni²

RESUMO

O presente artigo se embasa e também elucida o conceito do filósofo Arthur Schopenhauer acerca do mundo como vontade, pois esta como anterior a qualquer experiência (a priori) permite entender melhor a condição de sofrimento do homem contemporâneo. Isso, efetivamente, reflete na iniciação filosófica como forma de instigar debates essenciais a jovens e adultos acadêmicos brasileiros e isso sendo altamente conexo ao contexto latino americano. Por fim, no final do artigo mostra-se como é possível torná-los novos pensadores a partir desses dois conceitos e da obra "Do pensar por si".

Palavras-chave: Vontade. Iniciação filosófica. Acadêmicos.

ABSTRACT

The article bases and enlightens too the concept of the philosopher Arthur Schopenhauer over world as will, because her before any experience allows to understand better the suffering condition of contemporary man. That, effectively, reflects, in philosophical initiation as a way to instigate main debates to brazilian academic young and adults and that being highly relational to latin american context. Lastly, in the ending of article is shown how it is possible to turn them new thinkers from those two concepts and of the book "On thinking for oneself".

Keywords: Will. Philosophical initiation. Academic.

1. INTRODUÇÃO

Como o próprio tema aponta, há três conceitos fundamentais para o artigo: vontade, iniciação filosófica e campo acadêmico. Eles sustentam o problema de pesquisa que é: Como o conceito de vontade em Schopenhauer contribui com à iniciação filosófica de jovens e adultos acadêmicos brasileiros?

Primeiramente, desde sempre a vontade esteve por trás de todos os indivíduos (a priori) os instigando a buscar um sentido diante dos desafios do mundo. Isso

¹ Graduando do curso de bacharelado em filosofia do Centro Universitário Salesiano. Email: danielvidalmartins@outlook.com

² Professor e coordenador do curso de filosofia do Centro Universitário Salesiano. Email: pdelboni@ucv.edu.br

antecedeu o surgimento da filosofia, pois os povos primitivos já se ocupavam de saber quem eram, já se ocupavam de saber o que explicava os fenômenos naturais, a vida, a morte, enfim diante dos problemas buscavam respostas. Além disso, a vontade está por trás dos grandes acontecimentos históricos da Idade Antiga à Contemporânea.

Dessarte, ela atravessou as pluralidades- diferenças de cor, gênero, ou fatores socioeconômicos. Assim, diante de todos esses fatos é altamente essencial compreender a vontade para jovens e adultos acadêmicos brasileiros, porque, em suma, ela traz grande contribuição na forma de entender melhor a complexidade humana, sobretudo no contexto contemporâneo. Para isso é que se usará o conceito de vontade em Schopenhauer, pois seu conceito reconhece justamente tal complexidade.

Já quanto a iniciação filosófica, pode se dizer que ela incentiva a consciência crítica e isso é essencial tanto aos ingressantes ou não do curso de filosofia. Além disso, considerando-se ainda o contexto que Bauman chamou de “modernidade líquida” isso fica ainda mais evidente: há um grande fluxo de informações que, claro, ajuda no disseminar do conhecimento, mas de forma errada afeta o sujeito no que tange ao pensar por si. Portanto, a medida que a iniciação filosófica envolve a problematização da sociedade, reconhece o potencial da era global e não se limita só ao curso de filosofia contribui com a inovação científica.

Assim, os três conceitos serão estudados por meio do método bibliográfico, em vista de que serão utilizadas obras de Schopenhauer, entre elas “O mundo como vontade e representação”, além de artigos, notícias e periódicos. Já quanto ao meio de busca: todas as fontes serão buscadas em plataforma online e reunidas de modo a poupar custos e garantir uma pesquisa consistente.

Quanto aos objetivos pode se dizer que são: mostrar a contribuição da iniciação filosófica para jovens e adultos no campo acadêmico (principal), e isso através do conceito de vontade em Schopenhauer, além de também compreender o homem como necessidade metafísica, elucidar o conceito de razão instrumental, reforçar o potencial da cultura brasileira (latino americana) e por fim entender o processo de formação de novos pensadores (jovens e adultos). Por fim, é importante ainda salientar que a escolha do tema foi dada justamente pela mudança que a filosofia proporciona no estilo de vida, assim foi importante trazer isso de forma clara e precisa.

2.1 O MUNDO COMO VONTADE E REPRESENTAÇÃO

“O mundo como vontade e representação” é a obra mais famosa do filósofo e data de 1819. A princípio sua obra não teve grande aceitação nas universidades em vista de que a preferência era por filosofias que colocassem a razão como princípio do mundo, o que por sua vez exalta o lado mais iluminado do homem: o lado “*apolíneo*”. Logo, se difundia a filosofia hegeliana: “o racional é real e o real é racional”. Assim, não era nem um pouco confortável colocar em pauta que cada ser humano individual é regido por uma vontade “irracional” que como afirmou Schopenhauer é um “cego robusto”. Não que a razão não tenha importância, ou que a intenção seja a alienação. A grande questão é ir ao “lugar do assombro”, revelar a vida real que muitas das vezes é encoberta pelo “véu de Maya”- sabedoria hindu. Schopenhauer, além disso, nessa obra como em outras teve exímia influência kantiana,.

Portanto, a partir de tal influência, ele procura mostrar em seu livro que fenômeno e “*noúmeno*”- coisa em si- não são dois mundos, mas dois aspectos. Não são independentes de si mesmos. O “*noúmeno*” é na verdade a própria vontade em si mesma que move o mundo enquanto caráter universal *a priori*, ou seja, ela é anterior a qualquer experiência. Todos os seres, portanto, participam da vontade. Nos animais isso está nos extintos, no homem como razão, o que se aplica a capacidade de criar conceitos.

Assim, apesar de reconhecer a distinção entre fenômeno e “*noúmeno*”, ele não entende o primeiro como única realidade cognoscível, ou seja, como o limite do conhecimento. Ele o entende como uma grande ilusão, o “véu de Maya”, ou seja, aquilo que encobre a verdadeira essência. E a vontade é justamente essa essência e mais: ela não é objetiva como se a razão pudesse controlá-la. Com a fé do período medieval acreditava-se que o homem seria mais “feliz”, com a ciência perpetrada pelo iluminismo do século XVIII, que exaltava uma nova era, o mesmo, contudo o mundo continua seguindo um curso que para Schopenhauer não está submisso a razão.

Portanto, a partir de tal influência e de procurar estabelecer seu próprio pensamento é que ele aplica duas seções para o mundo como representação e duas para a vontade. Ele trata também do espaço, tempo e causalidade. Na sua primeira declaração do livro ele aponta:

O mundo é minha representação. Esta é uma verdade que vale em relação a cada ser que vive e conhece, embora apenas o homem possa trazê-la à consciência refletida e abstrata. [...] Se alguma verdade pode ser expressa *a priori*, é essa, pois é uma asserção da forma de toda experiência possível e imaginável, mais universal que qualquer outra, que tempo, espaço e causalidade (SCHOPENHAUER, 2005, p.41, grifo nosso).

O que quer dizer isso? Quer dizer a retomada daquilo afirmado por Kant: não há como conhecer a coisa em si. Não há como conhecer o sol ou a lua por exemplo, mas há o sujeito que tem ciência de que os conhece. As representações, portanto, tratam da forma como os dados dos sentidos são organizados no intelecto.

As representações se dividem em abstratas, devido ao fato de que só os homens tem tal capacidade de dar significação aos objetos- e também intuitivas, das quais está inserida toda a experiência, que por sua vez é universal e abrange todos os seres (SCHOPENHAUER, 2005). Estas últimas por sua vez se relacionam ao espaço e tempo. “[...] As propriedades do **espaço** e do **tempo**, conhecidas *a priori* pela intuição, valem para toda experiência possível como leis com as quais, na experiência, tudo tem de concordar” (SCHOPENHAUER, 2005, p.47, grifo nosso).

Para ficar mais claro, diariamente pela linguagem são usadas palavras (representações abstratas) que foram convencionadas (representações intuitivas), ou seja, que passam por uma adaptação dependendo do contexto histórico, geográfico, ou social, por exemplo.

Enfim, mais a frente ele destaca o sujeito e objeto - os pilares da representação: “[...] duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis” (SCHOPENHAUER, 2005, p.46). Assim, o sujeito é aquele que conhece, mas não é objeto do conhecimento. O objeto mesmo é o seu corpo, porque ele se dá a conhecer no tempo e no espaço (SCHOPENHAUER, 2005).

Tudo isso permite chegar, então, ao âmago do seu conceito metafísico-vontade- já no capítulo dois, em que inicialmente ele faz um elogio à matemática, filosofia e ciências naturais, pelo que afirma: “Ao dirigirmos o nosso olhar para a matemática, para a ciência da natureza, para a filosofia, cada uma delas nos deixa esperançosos por obtermos uma parte do desejado esclarecimento” (SCHOPENHAUER, 2005, p.151).

Depois faz uma análise técnica de cada uma dessas disciplinas, até que chega à conclusão:

Porém, o que agora nos impele à investigação é justamente não mais estarmos satisfeitos em saber que possuímos tais e tais representações

conectadas conforme estas e aquelas leis, cuja expressão geral é sempre o princípio de razão (SCHOPENHAUER, 2005, p.154).

Sua intenção, portanto, era algo que não se prendesse às causas. Algo que fosse independente e universal e que fosse além de formulações e leis intermináveis. Tanto que num determinado ponto do capítulo ele chegou a considerar que a filosofia posta de tal forma parecia “um monstro de sete cabeças”.

Assim, sendo a vontade o que supria os vácuos deixados pelas filosofias anteriores. O que ela seria? Além disso, seria muita pretensão compreender o mundo a partir de um só conceito?

Para começar, é importante frisar que não se trata de um conceito como das “mônadas” de Leibniz, como se cada ser em particular fosse determinado (pré-harmonia estabelecida). Do contrário, a vontade, ao não seguir um curso objetivo verdadeiramente dá espaço à contingência e com isso pode ser definida como o ímpeto mais profundo (claro que no homem é mais evidente).

Assim, por exemplo, os animais e plantas podem ser afetados pelas mudanças do ecossistema. Mas, é na condição humana que a contingência mais se aplica: sofrer acidentes, se atrasar para algo importante, ter alguma doença, morrer... são só alguns dos muitos fatos que a exemplificam. Já, em específico, a própria pandemia com o número de mortos e do alarde trazido evidenciou ainda mais isso. Enfim, o homem tenta “organizar” o mundo seja pela política, pela religião, economia, conhecimento e por todos tipos de prazeres possíveis. Tenta dar um alívio, mas no final sobra o “nada”.

É interessante ainda que mesmo que não objetiva a vontade quer, mas não sabe o quê (desejos). Por isso é “cega”. Usando ainda um exemplo dado por Schopenhauer, pode-se dizer que é como o mito da Hidra de Lerna, cada vez que é cortada uma cabeça, surgem outras. Desse ponto é possível ir a Epicuro: há desejos naturais e necessários que se relacionam à conservação da vida (se alimentar, se hidratar, repousar...), não naturais e não necessários; que apesar de ligados aos primeiros se ligam aos caprichos (comer num restaurante de luxo, dormir em hotel cinco estrelas...) e por último estão aqueles que segundo Epicuro desviam o indivíduo da imperturbabilidade-“*ataráxia*”- que são querer honras, poder, se envolver na política, entre outros.

Disso, conclui-se também que a vontade além de cega está no mundo dos contrários. Por exemplo, o que explica a tendência de ir contra aquilo que é ético mesmo tendo alguém se familiarizado com o que se intitula certo? Quem garante que uma pessoa a determinado tempo ética pode por uma determinada situação não mudar, como um pai de família honesto por exemplo? Não que seja pretensão trazer uma justificativa, mas sim refletir sobre o que move as ações humanas. Esse é um exemplo mais extremo, mas poderiam ser citadas ainda a mentira ou mesmo situações em que palavras são ditas de forma leviana.

Portanto, sendo a vontade conflituosa, ela se dá no próprio corpo, onde está o prazer ou a dor, que não é uma simples máquina, uma simples substância como afirmou Descartes, mas um campo imediato de resposta da vontade. Já a dor e o prazer não são representações, mas sim as intuições mais imediatas possíveis. Isso fica bem claro em uma afirmação: O corpo-mesmo imediato- e a vontade são inseparáveis, contudo um age instataneamente em resposta do outro. Isso é explicado por meio dos atos do corpo (SCHOPENHAUER, 2005). Assim, mesmo unificados, não minimizam a complexidade de cada ser humano. Isso é visto se considerado o que já foi dito até aqui, pois como a vontade não segue um curso, ela recai em múltiplas formas do agir.

Infelizmente como marca da sociedade hodierna está a tendência de reduzir o ser humano de sua complexidade, aliás isso não é novo. O próprio positivismo fez isso e influenciou na disseminação do pragmatismo. Dessa constatação, não seria leviano dizer que tanto as faculdades e escolas brasileiras estão cada vez mais apegadas à uma educação voltada a um pensamento industrial. A liberdade, portanto, pensada dessa forma leva à uma ilusão de que quanto mais se consome, mais se tem e mais é livre. Do contrário, para Schopenhauer a liberdade pensada assim é ilusória. Para ele a liberdade deve ser sufocada. Eis outra questão: Como dizer que deve ser sufocado o ideal tão requisitado? O certo não é dar à liberdade todo vigor necessário?

O termo "sufocar", na verdade, não deve ser interpretado de maneira leviana como se a intenção fosse de destruir todas as representações que se faz ao longo da vida. O intuito é mostrar a liberdade numa perspectiva diferente. Uma perspectiva que mostre que a liberdade não torna o ser humano menos infeliz, que não se trata apenas de ter, mas reconhecer que é preciso não esperar demais de uma vida que não tem curso objetivo. O filósofo diante de Epicuro aceitaria o que ele destaca sobre a morte,

mas colocaria a liberdade como pauta: quando vivos a liberdade é uma ilusão, já na morte ela é realização, pois daí a vontade foi plenamente sufocada.

Portanto, o indivíduo deve ter a negação da vontade de viver que se embasa em três vias: a arte, a moral e a filosofia. Esses três conceitos serão mais amplamente discutidos na análise da obra "As Dores do Mundo", mas o que pode se dizer por agora é que a arte leva ao saber desinteressado. Ali não se pede nada em troca, ali puramente se contempla o que está à frente. Pela arte se chega não a vontade em si, mas a uma reflexão profunda onde não é vista a dor. É como que estar "fora de si".

Já pela moral- erradicação do egoísmo- infere-se que o fato de aliviar o sofrimento do outro propõe um alívio, daí como exemplo entraria a prática da ética da alteridade- o outro- em Levinas, que por sua vez traz efeitos benéficos ao corpo e mente, como já comprovado pela ciência.

Porém, mesmo diante de tantas benesses, a arte e a moral não libertam o ser humano da vaidade do desejo como faz a filosofia, que conduz conseqüentemente à negação radical da vontade de viver encontrada no asceticismo (o "nirvana" para os budistas), ou seja, o estado de mortificação total dos desejos.

Portanto, em resumo: as representações são intuitivas e abstratas, já a vontade não segue um curso objetivo, se dá no corpo e é o ímpeto mais profundo do homem. Logo, chega-se agora ao conceito de indivíduo que é de extrema relevância para o artigo.

2.1.1 O indivíduo, a vontade e o campo acadêmico brasileiro

Ele pode ser definido como aquele que apresenta, Schopenhauer reforça isso, o maior grau de objetividade da vontade, ou seja, o grau mais elevado de autoconsciência, que por sua vez recai no agir. A ação só leva em conta as causas externas, o que caracteriza, por sua vez o aspecto mutável dos fenômenos na concretude. (SCHOPENHAUER, 2005). Ele dá o exemplo do tirano.

[..] Se um malvado [...] como um conquistador, oprime povos, faz um mundo ajoelhar-se em penúrias, derramando o sangue de milhões - isso é a forma exterior de seu fenômeno, o inessencial dele, dependente das circunstâncias nas quais o destino o colocou, dependente do ambiente e das influências exteriores dos motivos. Contudo, jamais sua decisão em virtude de tais motivos é explicável a partir deles (SCHOPENHAUER, 2005, p.201).

Portanto, a vontade se aplica ao campo acadêmico justamente pela autoconsciência proposta dentro de seu caráter livre. Ademais, ao trazer o homem ao lugar do assombro, ou seja, à própria angústia existencial a relação com a autoconsciência fica ainda mais evidenciada.

A última parte de nossa consideração proclama a si mesma como a mais séria de todas, pois concerne às **ações** do homem, objeto que afeta de maneira imediata cada um de nós e a **ninguém pode ser algo alheio ou indiferente** (SCHOPENHAUER, 2005, p.353, grifo nosso).

Diante disso, infere-se que uma instituição de ensino superior deve saber reconhecer a importância do processo de autoconhecimento do aluno, ou senão, vai se resumir a um “cronograma”. Claro, deve oferecer as melhores condições possíveis de aprendizado, além de dar toda dignidade aos professores. Aliás, para muitos alunos, sem dúvida, migrar para instituições mais acessíveis com ar condicionado, quadras estruturadas, bibliotecas com mais volumes contrasta bastante com o nível das escolas públicas da qual estes vem, o que reforça as mazelas da educação brasileira que herdou o caráter elitista e industrial. Contudo, o que está em questão é: Como a filosofia pode contribuir?

Com base em Popper, pode se dizer que a filosofia (a iniciação filosófica será tomada como sinônimo a esta, visto que implica numa extensão dela tanto a ingressantes quanto a não ingressantes do curso) não é verdade absoluta. Logo, ela não é uma lei sobre outros cursos, mas uma forte aliada se o intuito é a inovação no campo científico, já que ajuda a verificar falsas teorias validando o conhecimento. Além disso: A pesquisa parte de problemas conforme certas explicações se tornam obsoletas com o tempo (REALE, 2006). Ou seja, a filosofia traz inovação, além da problematização.

Outro fato é que Popper também admite a influência de fatores sociais e culturais. Não há uma ciência neutra. Jovens e adultos acadêmicos tem suas vivências individuais (fenômenos da vontade), contudo, a questão é que muitas das vezes isso é ignorado, porque tudo que importa é seguir o cronograma da instituição. Não que seja intuito desmerecê-lo, muitos menos tratar de autoconhecimento ignorando o fator “qualidade de vida”, mas sim trazer outra perspectiva, até porque as pesquisas mostram o quanto as faculdades se expandiram, sobretudo na pandemia, por conta da busca de qualidade de vida.

Atualmente, não são poucos aqueles que são os primeiros a formar em sua família. Que mesmo em meio as desigualdades socioeconômicas buscam dignidade. E isso

tendo que conciliar com o trabalho ou a família, até ambos. Logo, as faculdades se modernizaram por meio do modelo Ead que tinha um certo número antes da pandemia (G1 GLOBO, 2020, grifo do autor).

De 2009 a 2019, o **número de novos alunos em cursos superiores à distância aumentou 4,7 vezes** - saltou de cerca de 330 mil estudantes para mais de 1 milhão e meio. Ou seja, um crescimento de 378,9% [...] já o índice de ingressantes em graduações presenciais foi ampliado em escala bem menor: 17,8%. [...] isso é o que apontou o Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

A partir desse notícia é possível perceber na pandemia esse modelo aumentou consideravelmente. Conforme, também apontou o portal Terra (2020) houve um aumento na procura pelo EAD de 70%, entre Março e Abril.

Enfim, além do autoconhecimento, a vontade se aplica também devido ao fato de mostrar a importância do agora: "Apenas o presente é a forma de toda vida, mas também sua posse mais segura e que jamais lhe pode ser arrebatada" (SCHOPENHAUER, 2005, p.361). A partir disso, infere-se que cada vez mais é possível perceber o despontar da tecnologia no presente, o que possibilita o acesso mais rápido ao conhecimento dentro do campo acadêmico, mas também o aumento do pragmatismo, padrões de estereótipo e doenças psicossomáticas como depressão, ansiedade, entre outras dentro da sociedade. Dessas consequências negativas da tecnologia, particularmente, é que de forma muito breve se fará considerações sobre a saúde mental de estudantes universitários. Isso porque, a vida moderna, sobretudo com a pandemia, levou as pessoas no geral, não só os universitários, a abrirem mão de si próprios, ou seja, a vontade ficou reduzida ao lado instrumental, o que resulta no adoecimento:

Sete a cada dez universitários brasileiros (76%) declaram que a pandemia trouxe impacto na saúde mental, o maior índice registrado em 21 países [...] O estudo "Global Student Survey" ouviu 16,8 mil estudantes de 18 a 21 anos, entre 20 de outubro e 10 de novembro (G1.GLOBO, 2021).

Ainda, de acordo com Rodrigues Bráulio Brandão et al. (2020)³ a pressão que já havia como a referente ao excesso de estudos e a formação, por exemplo- se intensificou com todo o caos gerado. Assim, é possível perceber a influência da razão instrumental que será melhor exposta mais especificamente na próxima subseção.

³ Apesar de dirigido aos estudantes de medicina, a revista tem dados consistentes que permitem levar em conta os universitários em geral.

Portanto, dada a relação da vontade no campo acadêmico (autoconhecimento, assombro e o conceito do agora) fica agora a questão: Como aplicar a iniciação filosófica? Como incentivar o autoconhecimento?

Através da ampliação da extensão universitária, que é referente a colocar em prática tudo que é aprendido. Portanto, está inter-relacionada com ensino e pesquisa. Através da extensão, o aluno contribui com a comunidade e inovação científica por meio de ações que visam igualdade de direitos como cursos, palestras, conferências, projetos sociais e apresentações culturais (teatro, musicais, feiras), por exemplo.

É interessante ainda, como ela se relaciona muito bem dentro da história da filosofia no Brasil, pois ambos inícios são marcados pela desigualdades. Além disso, mostra um aspecto positivo: a extensão universitária no Brasil vem passando por um processo de democratização.

Portanto, por que seu início foi desigual? Devido ao que é possível observar do ensino básico à universidade no final do século XIX e de forma ainda contudente no século XX. Segundo Dubeaux, 2018, os menos privilegiados não eram incentivados a estudar, já que se ocupavam servindo a indústria, assim se nem o ensino básico era garantido não tinham, infelizmente, nem porque se preocupar com a universidade

Partindo, então, da constatação de que é possível comparar a extensão universitária com a própria história da filosofia brasileira, em vista do início excludente, é que é importante agora analisá-la.

2.1.1.1. A história da filosofia brasileira e a razão instrumental

A razão instrumental- termo que ganhou força com a Escola de Frankfurt em 1924 e denota redução da complexidade humana em vista do lado técnico- se liga intrinsecamente ao percurso da filosofia no país: o ensino da disciplina remonta de 1553 com a companhia jesuíta de Salvador. Mas, como disciplina obrigatória só em 1942- junto da sociologia- no governo Vargas.

Esse percurso foi marcado pela instabilidade que é consequência das abruptas interrupções. Isso desde antes do governo Vargas, contudo foi em 1971 o apogeu: a disciplina foi suprimida por uma educação que fosse “moral” e “cívica”, em outras

palavras ela foi trocada por algo que fosse “prático” àquele tempo que marca o governo iniciado pelos militares a partir de 1964.

E quando se diz apogeu, não é exagero, porque somente em 2 de Julho de 2008, exatos 37 anos depois é que ela, junto da sociologia, voltou como disciplina obrigatória (Lei Federal nº 11.684). Mas, não para por aí, se for analisada ainda a reforma do Médio em 2017 o que pode se dizer é que mais uma vez a filosofia foi desmerecida. Ela continuou como disciplina obrigatória na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), apesar de não independente, contudo seus conteúdos foram diluídos. A mesma tática “sútil” de expulsar a filosofia aconteceu no regime militar (RIBEIRO, 2018).

Portanto, segundo Alves citado por Sardá (2018, p.197) a história tem três momentos que vão desde o período colonial ao regime militar atingindo neste último período uma “ausência definida”.

Alves, caracteriza ainda muito bem o primeiro momento que é aquele que vai do período colonial à República (1891). Segundo ele, nesse primeiro momento ela servia aos “melhores”, não à indivíduos considerados bárbaros como negros e indígenas, ou mesmo brancos sem poder aquisitivo. Se num primeiro momento é elitista, já num segundo momento passa a ser industrial devido à influência do pai do positivismo-Comte- na República e na era Vargas (1930-1945). Já no último último momento (a partir de 1964) houve a extinção definitiva da filosofia dos currículos escolares em 1971. Assim, ela só voltou aos currículos em 2008 e como foi mostrado desde esse tempo continua ainda sendo “sucateada”.

Portanto, da própria história da filosofia do Brasil percebe-se claramente a força da razão instrumental que reinterando é a redução da complexidade humana em vista do lado técnico, ou seja, a pouca ênfase à formação humana, sobretudo com a filosofia. Em outras, palavras o homem é tratado como mercadoria.

Contudo, o Brasil não é o único país sofrer essa influência nem o único que “acontece isso ou aquilo”. Sim, é vergonhoso, por exemplo, que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) esteja tão baixo comparado à países europeus como Dinamarca ou à grandes potências como Estados Unidos ou China. A problemática não é nem comparar, pois disso se constata as “mazelas”, e sim desconsiderar que ele tem suas

próprias características e querer “plagiar” tudo que foi feito em outros países, mormente europeus.

O Brasil é um país de tradição colonial e, nesta perspectiva, sofre historicamente a influência de tendências, ideias e modelos dos países da Europa e dos Estados Unidos na implantação de modelos na economia, na saúde, na política e também na educação.

Esses processos de **transplantes** de ideias nem sempre são bem-sucedidos, pois nem sempre levam em consideração as características políticas, sociais, econômicas e culturais do país (DUBEUX, 2018, p.9, grifo nosso).

Dussel, criticou veementemente a imposição do padrão europeu. Um exemplo disso no Brasil está na forma como é interpretada a escravidão: “a princesa Isabel assinou a Lei Áurea (1888) conferindo liberdade aos escravos por pura bondade”.

Portanto, Dussel começou aquilo que foi chamado de “filosofia da libertação”, onde a filosofia se concentra em dar voz àqueles que não foram considerados agentes na construção da sociedade (negros, mulheres, indígenas...), onde as reflexões se voltam às necessidades do local. Além disso, o que ela propõe vai de encontro ao que já foi tratado como autoconhecimento (oposto à razão instrumental), pois Dussel afirma que é preciso estar consciente da própria condição para chegar a “emancipação”.

Enfim, na prática, é possível citar ainda alguns dos vários problemas sociais dos países latino americanos: [...] São marcados pela desigualdade social e por crimes terríveis (assassinato entre irmãos, pais a filhos, feminicídios...), além do próprio abandono dos idosos aos asilos” (DUSSEL apud COUTO; CARRIERI, 1977, p. 633). Partindo dessa realidade é que é importante agora tratar da autonomia para tratar do contexto latino-americano.

2.1.1.1.1 Ampliando o olhar sobre a autonomia de adultos e jovens universitários

Se procurada nos dicionários a palavra autonomia se relaciona a algo como como independência Já se for tomada do ponto de vista kantiano ela está voltada ao dever. Ela tem ainda outras definições, mas para fins de clareza pode se defini-lá como “livre”.

A autonomia é uma questão que hoje tomou conta dos debates e principalmente das redes sociais onde se encontram “*hashtags*” e mais “*hashtags*” reivindicando o direito sobre o corpo, liberdade de expressão, gênero, entre outros. Ou seja, isso

evoca a condição de ser livre, do qual como disse Sartre o homem já está condenado. Além disso, Rousseau disse que o homem se encontra por toda parte acorrentado, o que leva a refletir se realmente ele é assim tão livre.

Então, ser livre é uma grande ilusão? Se sim, como fica o homem diante das possibilidades? Se não, porque parece que cada vez mais o homem regride?

Seja qual for a resposta, a existência humana parece ir cada vez mais para o absurdo e é justamente esse o contexto que permeia a vida de jovens e adultos universitários. Portanto, como tratar, então, de ampliar a autonomia se em última instância se chega ao absurdo? Para isso se toma o caminho de Camus: a vida é o próprio absurdo, mas isso não significa que o homem não tenta contornar sua condição. Para exemplificar isso ele usa o exemplo do mito de Sísifo, que em resumo trata de um homem que por castigo dos deuses é condenado a rolar uma pedra até ao topo de uma montanha. Chegando lá, devido ao cansaço de Sísifo, ela rola para baixo tendo que ser trazida ao topo novamente. Isso se repetiria eternamente. Com esse mito Camus quer mostrar, então, que a vida não tem sentido, mas que de qualquer forma o homem continua “exaustivamente” buscando formas de tornar a sua vida mais cômoda.

Assim, se o contexto que envolve aqueles é o absurdo e tomado o caminho de Camus, uma forma de ampliar a autonomia é fomentar debates voltados dentro do próprio contexto latino americano. E isso não só no que tange aos fatores socioeconômicos, mas no que tange também, por exemplo, à atuação dos governantes, femínicídios, disparidade de salários (homens e mulheres), estigmas de corpo, depressão, entre outros.

Portanto, tais debates contribuem socialmente pelo fato de darem voz, de fomentarem a reflexão crítica. Eles foram altamente necessários em momentos cruciais do Brasil, que dirá agora. Eles antecederam, por exemplo, as “Diretas Já”, que visavam a volta das eleições diretas à presidente do Brasil. De acordo com Dubeux, 2018, em meados de 1980 aconteceram as primeiras eleições diretas para reitores de universidades brasileiras, o que favoreceu professores e alunos, que passaram a partir disso a ter voz (volta dos sindicatos e organizações estudantis) em vista do regime militar. Além disso, os dirigentes de sindicatos passaram não só a atender as demandas de professores e alunos, mas da sociedade.

Além dos debates, infere-se que a internet quando bem administrada se torna também uma poderosa ferramenta de autonomia . Comumente é mais fácil somente criticá-la, mas ela está no contexto do absurdo, uma vez que se interpela na satisfação e o tédio. Por conseguinte, é necessário reconhecer o lado positivo: acesso rápido à comunicação, redes sociais, acesso mais fácil ao conhecimento, entre outros.

Enfim, por sua vez, dela advém seu fenômeno (democratização), pois para acesso não são necessários requisitos como cor, gênero ou condições socioeconômicas, por exemplo, o que favorece conseqüentemente a inclusão .

Infere-se, portanto, que se por um lado há inclusão por outro há a possibilidade de criar e questionar valores. Logo, o campo acadêmico tem se utilizado bastante de ambas. Quanto a primeira: na pandemia diversas instituições de ensino superior, além das demais modalidades de ensino (Ensino fundamental, Médio e Técnico) fizeram pesquisas sobre a acessibilidade à internet. Quanto a segunda: No uso e ampliação das cotas como uma forma de resistência ao racismo (herança do período colonial) e debates acerca da questão do patriarcado, da homofobia, entre outros.

Assim, diante dos fatos supracitados, que vão desde a procura da definição, tal qual a ampliação da autonomia é possível retomar o conceito de vontade em Schopenhauer (autoconhecimento), assim como entender profundamente o que ele entendeu por assuntos como a arte, a moral, a religião e a morte que fazem parte do mundo contemporâneo.

2.2 DORES DO MUNDO

O conceito de vontade já foi explicado. Apesar disso, o artigo o retomará ao mesmo tempo que mostrará a perspectiva de Schopenhauer sobre a arte, moral, a religião e a morte através do que ele escreve no livro “Dores do Mundo”.

Nele é possível refletir profundamente sobre a existência, o que também retoma o conceito de iniciação filosófica, que será útil para se encaminhar em direção ao objetivo final que é claro incentivar jovens e adultos universitários a vivenciar a própria. Enfim, como ele retoma a vontade? Através do que é descrito sobre a dor.

Tudo o que se ergue em frente da nossa vontade, tudo o que a **contraria** ou lhe **resiste**, isto é, tudo que há de desagradável e de doloroso, sentimo-lo ato

contínuo e muito nitidamente [...] o bem-estar e a felicidade são, portanto, negativos e **a dor é positiva** (SCHOPENHAUER, 2019, p.28, grifo nosso).

Em outras palavras, a vontade põe o homem frente a sua condição existencial: angústia. Segundo ele a metafísica fracassou ao valorizar o mal como algo negativo, pois só ele revela a angústia como condição e fim.

Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque, é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim (SCHOPENHAUER, 2019, p.28).

Além disso, dentro da própria condição existencial, a vontade se revela como o “inconsciente”- ou seja, como ímpeto mais profundo- ainda que Schopenhauer não tenha cunhado esse termo, o qual por sua vez foi usado por Freud muitos anos depois. Assim, como se deu tal influência? Na psicanálise freudiana ela fica bem clara: ao se observar as pulsões (a fronteira entre o mental e o físico e motor dos estímulos) se percebe a obscuridade humana do qual a razão alcança resquícios (GARCIA-ROZA apud CORDEIRO, 2010, p.3).

Portanto, diante da angústia e do que o inconsciente apresenta não há saída, a não ser a negação da vontade de viver. Logo, do que trata tal pessimismo? De reconhecer a dor como positiva para mortificar os desejos. Logo, há três vias para os mortificar. A primeira é a arte: “Basta lançar um olhar **desinteressado** sobre qualquer homem, qualquer cena da vida, e reproduzi-los com a pena ou o pincel para que logo pareçam cheios de interesse e de encanto” (SCHOPENHAUER, 2019, p.103, grifo nosso). Em suma, isso quer dizer que não se pede nada em troca. Quer dizer também a libertação do desejo.

A segunda via é a moral já que com a piedade se combate o egoísmo, ou seja, leva a olhar o outro como propôs Levinas na ética da alteridade. Algo que é importante de falar ainda sobre a moral é que ela não envolve deontologia (dever) ou “princípios” morais. Isso, o filósofo deixa bem claro, apesar de reconhecer a virtude.

A ideia que se faz da virtude é estéril, e só pode servir de instrumento, como as coisas técnicas em matéria de arte. Esperar que os nossos sistemas de moral e as nossas éticas possam tornar os homens virtuosos, nobres e santos, é tão insensato como imaginar que os nossos tratados sobre estética possam produzir poetas, escultores, pintores e músicos (SCHOPENHAUER, 2019, p.111).

Logo, ambas vias não propõem a negação radical que é encontrada na filosofia por meio do asceticismo- estado de mortificação total dos desejos. Inspirado, então, no

conceito budista (nirvana), é que ele o propõe como estado de paz e tranquilidade, em que o indivíduo está num estado de reflexão sobre o mundo.

Portanto, se reconhecer a dor como positiva retoma, então, a vontade o que retoma a iniciação? A terceira via. Sim, pois se cabe a filosofia o ascetismo, é de se preocupar não só a valorização dela, mas a forma como é aplicada. Tal preocupação foi demonstrada na obra "Sobre a Filosofia Universitária", em que inicialmente ele se preocupa sobre a relação dela e o estado, pois ela poderia se tornar um modelo só ideológico- fortalecimento do poder vigente- e desprezar a utopia, que é totalmente ao contrário.

Além disso, o que ele pensou se encontra hoje em conexão com os embates entre favoráveis e desfavoráveis ao "Escola Sem Partido" (projeto que visa lutar contra o que acredita ser a doutrinação partidária no setor educacional) por exemplo, que se estende ao contexto acadêmico.

Portanto, a iniciação filosófica não quer dizer caráter neutro, mas sim a possibilidade de debater diferentes ideias na coletividade. Isso porque, da mesma forma que no risco da neutralidade, sustentado em certos discursos como "política e religião não se discutem" (alienação), há também o do fundamentalismo que não é caráter de uma sociedade aberta (democrática) como deixou bem claro Popper.

Além disso, apesar do que já foi tratado, ou seja, do que foi exposto como descaso durante a história do ensino da filosofia no país e do que se tem hoje como razão instrumental, muitos cursos abordam a matéria em disciplinas introdutórias, o que já é um começo (medicina e direito, por exemplo).

Assim, cabe a ela por meio da extensão universitária ampliar o olhar crítico, principalmente no que tange aos problemas reais do país.

2.2.1 Da negação da vontade ao conceito de religião e morte

Religião e morte também estão presente na obra "Dores do mundo". Contudo foi primeiramente necessário explicar a arte, moral e a filosofia, haja vista que tratam das três vias.

Assim, quanto á religião: primeiramente, é preciso reiterar o que já foi dito, ou seja, reconhecer o conceito errôneo de uma frase alienante: "religião não se discute". Há

claro, uma intenção de que seja mantido o respeito à liberdade de crença. Contudo, essa expressão generaliza.

Em segundo lugar, é preciso enfatizar que não será uma análise, dada a abrangência do tema. Por fim, é preciso deixar claro que manifestada de diferentes formas na sociedade ela recai sobre as pessoas alvos desse artigo.

Por conseguinte, Schopenhauer reconhece a religião como necessidade metafísica. Os povos primitivos, com o medo da morte e do espanto diante do que não conseguiam explicar como a chuva, estações do ano tal qual as origens da sua existência criaram suas formas de explicar o mundo, o que explica a origem dos mitos. Na verdade, isso não é mérito só desses povos. O espanto diante da pandemia, diante do absurdo, fez com que as pessoas se tornassem mais devotas, ainda que ao mesmo tempo o ceticismo também aumentasse. Assim, a religião em todas as eras da história se deu como fenômeno universal.

Contudo, ela está ultrapassada? Qual sentido dela diante dos avanços da razão- ainda mais no século hodierno? Essas serão as perguntas base do que aqui se propõe como religião. Quanto a primeira pergunta, Schopenhauer é bem claro.

“Não contente com os cuidados, as aflições e os embaraços que o mundo real lhe impõe, o espírito humano crê ainda um mundo imaginário sob a forma de mil superstições diversas” (SCHOPENHAUER, 1985, p.50). Em outro ponto ele é ainda mais ácido.

O homem representa-se demônios, deuses e santos à sua imagem; exigem a todo o momento sacrifícios, orações, ornamentos, promessas feitas e realizadas, peregrinações, prosternações, quadros, adornos, etc. Ficção e realidade entremeiam-se ao seu serviço, e a ficção obscurece a realidade; qualquer acontecimento da vida é aceito como uma manifestação do seu poder (SCHOPENHAUER, 1985, p.50).

Se por um lado há essa visão tal qual a de Feuerbach (projeção da vida no absoluto) é de se adivinhar qual seja o posicionamento diante da segunda questão. Contudo, essa visão não pode ser tomada como única plausível, pois o homem, dado sua sua angústia e sua carência está à procura de um sentido. O positivismo de Comte ou o neopositivismo de Rudolf Carnap (Círculo de Viena) desconsideraram tal perspectiva. Aliás, é uma tarefa árdua tentar definir quem é o homem. É um agregado de moléculas? Um ser à imagem de Deus? Projeto? Enfim, há quem que como Schopenhauer, usa as atrocidades que podem ser perpetradas pela religião, como forma de mostrar que ela é vazia. Contudo, ainda assim a necessidade metafísica

está atrelada ao tema e por isso vale a pena ser estudada. Enfim, para finalizar, agora se parte ao que ele pensou sobre a morte.

Ela é o triunfo da vontade sobre o desejo e não algo a ser temido. É o fim e não o início de uma nova vida, pois não é de se esperar que ele desconsidere qualquer plano eterno. Antes o nada que isso.

Se se concedesse ao homem uma vida eterna, a rígida imutabilidade do seu caráter e os acanhados limites da sua inteligência parecer-lhe-iam com o tempo tão monótonos e inspirar-lhe-iam tão grande aborrecimento que, para se livrar deles, acabaria por preferir o nada (SCHOPENHAUER, 1985, p.11).

Se é algo natural, então por que muitos a superestimam? Justamente pelo “mistério”, o que para ele é incabível. Com ela se segue o curso da existência. Nada mais. Claro que ao se analisar a morte em sua perspectiva há de se notar um tom muito forte de personalidade. Contudo, a perspectiva traz um olhar mais humilde frente á vida. Uma perspectiva tão necessária para os tempos hodiernos. Assim, novamente se traz a reinterpretção da frase de Epicuro: quando vivos a liberdade é uma ilusão, já na morte ela é realização, pois daí a vontade foi plenamente sufocada.

Por fim, antes de se encaminhar para o assunto final, traz-se aqui uma citação que resume tudo o que vem sendo dito sobre a morte ao mesmo tempo que convida à reflexão.

[...] É preciso enfim que a morte **triunfe**, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento e ela não faz senão brincar com a presa antes de a devorar. É deste modo que seguimos o **curso da nossa existência**, com um interesse extraordinário, com **mil cuidados, mil precauções**, durante todo o tempo possível, como se sopra uma bola de sabão, aplicando-nos a enchê-la o mais que podemos e durante muito tempo, não obstante a certeza que temos é de que ela acabará por rebentar (SCHOPENHAUER, 1985, p.11, grifo nosso).

2.3 A FORMAÇÃO DE NOVOS PENSADORES

A partir do Renascimento (que começou no século XIV e terminou no XVI), que marcou a transição da Idade Média para a Moderna, junto das grandes navegações e do crescimento urbano- o homem passou a se ver de forma diferente. Claro que isso ocorreu gradualmente, pois manteve-se ainda traços da era medieval, como a influência religiosa por exemplo. Portanto, mesmo que gradual tal processo recaiu na economia, política, sociedade, enfim, culminou na Idade Contemporânea que tem como marco a Revolução Francesa (1789) cujos ideais de liberdade, justiça e

igualdade propiciaram a eclosão da Revolução Haitiana (1791) e da Conjuração Bahiana (1798)- movimentos que tinham por objetivo o fim da escravidão. Enfim, esses são só alguns dos muitos movimentos que eclodiram durante a história ansiando pela igualdade que também está hoje em pauta no século XXI.

E é justamente essa busca por igualdade que mostra que a vontade humana não segue um curso “racional”, pois com o passar do tempo cada vez mais a “guerra de todos contra todos” (Hobbes) se intensifica e reconhecer isso não significa ter que admitir uma postura passiva, mas sim que se deve partir de um problema e terminar com ele. É nisso que se embasa a filosofia.

Assim, da vontade (una e indivisa) e seus fenômenos- o que já foi amplamente discutido no artigo- é possível chegar à iniciação filosófica justamente pelo fato de que o homem não é só sua razão, o que leva a busca da compreensão do que ele é. Assim, a partir disso e do contexto do qual jovens e adultos e universitários estão inseridos é que vem a questão: Como a iniciação pode ajudar a entender o processo de formação de novos pensadores?

Os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fochos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo (SCHOPENHAUER, 2009, p.41).

A partir desse trecho da obra “Do pensar por si” infere-se que ela contribui ao se reconhecer as reais necessidades da sociedade latino americana , o que também se insere no contexto acadêmico.

Além disso, o intuito dela, apesar da crítica feita a razão industrial, não é desmecer o ensino voltado ao mercado de trabalho, pois é importante gerar empregos, aliás a falta deste em larga escala por si só já reflete a desigualdade. Outro ponto, é que ela não envolve só os cursos de humanas, ela se estende às áreas exatas e biológicas (formação humana). Enfim, a questão aqui é bem clara: o Brasil apesar de todo seu potencial, apresenta muitas mazelas e por isso o campo acadêmico quanto á formação de pessoas deve ser um espaço de inovação, dinâmico e que sim contribua com a formação técnica, mas não se esquecendo da formação de cidadãos. Aquele que pensa por si não depende só do que ouve ou lê, mas investiga, o que dá gênese às suas ideias (SCHOPENHAUER, 2009).

Ademais, outro ponto importante é que a partir do reconhecimento das reais necessidades incentiva-se a democratização á tecnologia. Assim, esta por sua vez

contribui com a inovação científica, já que traz dinamicidade, inovação, além da própria inclusão de pessoas com deficiência à disseminação do conhecimento no campo acadêmico. Quanto aos dois primeiros, pode-se citar o modelo EAD ou semipresencial. Inclusive já foram mostradas no artigo duas pesquisas importantes sobre isso. Quanto ao último, pode-se citar o conceito de “tecnologia assistiva”, ou seja, aquela que se baseia na inclusão de pessoas com deficiência. Um exemplo é a UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) que no início do ano elaborou um projeto voltado em específico para pessoas com deficiência visual.

Trata-se de uma tecnologia assistiva, composta por etiqueta de radiofrequência (RFID) espalhadas pelo piso tátil e um dispositivo acoplado no sapato do usuário, conectado a um aplicativo, através do smartphone. Essas etiquetas armazenam informações sobre o ambiente ao redor, como a localização em que o usuário se encontra, dados sobre objetos que estão presentes no entorno, alertas de perigo, informações mais precisas e detalhadas sobre prédios, dentre outras (UFRB, 2021).

Portanto, além de ajudar a entender a sociedade brasileira e suas estruturas mais profundas advindas da herança colonial- como o racismo, patriarcado, desigualdades sociais (marcas da distribuição desigual do território), preconceito aos indígenas e outras mazelas justificadas por discursos alienantes- ao mesmo tempo que prevê o uso da tecnologia como reafirmação de todo potencial do país (cultura nacional) , a iniciação filosófica ajuda a responder a pergunta que desde vêm desde os primórdios e perpassa a história: O que é o homem? Pergunta está que não pode ser respondida de forma absoluta, mas que através da vontade mostra uma de suas facetas: um ser de fronteira, que está em busca de um sentido. Logo, entender tudo isso é fundamental para que jovens e adultos universitários, independente do curso, possam vivenciar a filosofia. Além disso, é fundamental para entender o processo destes dentro do processo de formação de novos pensadores no país.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo principal responder ao seguinte problema de pesquisa: Como o conceito de vontade em Schopenhauer contribui com à iniciação filosófica de jovens e adultos acadêmicos brasileiros? Para isso o livro base foi “O Mundo como vontade e representação”.

A partir dessa pergunta problema, constatou-se, então, que a vontade se relaciona ao contexto contemporâneo em vista de que se contrapõe à razão instrumental. Além

disso, a partir do que foi apresentado sobre ela, em destaque na subjeção (O Mundo como vontade e representação) foi possível entender que ela está antes da experiência (a priori) e que o ser humano como fenômeno cria suas representações. Por fim, a própria propõe o lugar do assombro, o que é altamente essencial a compreensão do que o homem.

A partir daí é que se chegou à iniciação filosófica e ao campo acadêmico brasileiro, dos quais também houve alguns resultados: a iniciação filosófica para ser efetiva nesse campo precisa assumir a identidade do contexto latino americano e não “plagiar” modelos europeus. Além disso, ela não se restringe somente aos cursos de humanas, pois ela é multidisciplinar levando-se em questão a extensão universitária e o fato de que a inovação científica parte-se de um problema e termina com ele.

Além disso, acredita-se que os objetivos que são mostrar a contribuição da iniciação filosófica para jovens e adultos do campo acadêmico (principal), além de também compreender o homem como necessidade metafísica, elucidar o conceito de razão instrumental, reforçar o potencial da cultura brasileira (latino americana) e por fim ajudar a entender o processo de formação de novos pensadores foram bem trabalhados, em vista que a clareza dos objetivos é que permitiu lidar melhor com a especificidade do artigo.

Contudo, há ainda algumas ponderações: não bastava saber conceituar vontade a partir do livro, mas trazê-la para uma linguagem mais acessível possível e isso tendo que relacionar à iniciação filosófica e à abrangência do campo acadêmico. Isso foi extremamente difícil, porque há diferentes linhas de interpretação para os três separadamente. Além disso, como há poucos trabalhos que os exploram juntos, para obter êxito foi preciso que eles fossem estudados em particular e depois relacionados. Além disso, por ser uma pesquisa bibliográfica através da busca estritamente online (devido à pandemia) houve necessidade de uma seleção mais rigorosa das fontes.

Portanto, depois de lidar melhor com as dificuldades mencionadas, foi possível ao longo do desenvolvimento fazer uma contextualização para dentro da realidade brasileira através de dados históricos e partir de alguns filósofos como Dussel (filosofia da libertação) e Popper (problematização na ciência), periódicos, além de também dados de notícias, o que enriqueceu bastante o artigo, mostrando assim a contribuição para a área social e inovação científica. Contudo, a especificidade do trabalho permitiu

abordar de forma sucinta aspectos restritos ao campo acadêmico, assim há ainda lacunas que podem ser preenchidas por outros campos de pesquisa como antropologia (pela abordagem do homem buscando sentido), sociologia (a sociedade brasileira e características latino-americanas) e psicologia (inconsciente em Freud). Assim, acredita-se na clareza do artigo e que não se esgota aqui a reflexão, haja vista que a compreensão do homem como ser metafísico admite várias linhas interpretativas e que mais do que nunca é preciso entender melhor o processo de formação de novos pensadores no contexto brasileiro, sobretudo no da razão instrumental.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Everton Fernandes. O inconsciente em Sigmund Freud. **Psicologia/pt**. Coronel Fabriciano, n.1, p.1-9 p. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2021.
- COUTO, Felipe Fróes; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação nos Estudos Organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR** [online]. Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 631-641, Out./Dez.2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1679-395169213>>. Epub Oct-Dec 2018. ISSN 1679-3951. <https://doi.org/10.1590/1679-395169213>. Acesso em 06 nov. 2021.
- DUBEUX, Ana. Extensão Universitária No Brasil: Democratizando o saber da universidade na perspectiva do desenvolvimento territorial. **Sinergias ed.** [S.l.], n.6, p- 9-34, Jan/2018. Disponível em <<https://www.sinergiased.org/index.php/revista/item/132>> Acesso em 08 nov.2021.
- MATRÍCULAS em cursos EAD aumentaram em 70%, segundo pesquisa.**TERRA**, 2020. 9 nov. 2021. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/matriculas-em-cursos-ead-aumentaram-em-70-segundo-pesquisa,db353bbc9ea2c1e93fcacc3f2103222emk2w14yf.html/>> acesso em: 16 maio. 2021.
- OLIVEIRA, Élida. Brasil tem maior índice de universitários que declaram ter saúde mental afetada na pandemia diz pesquisa. **G1**, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/26/brasil-tem-maior-indice-de-universitarios-que-declaram-ter-saude-mental-afetada-na-pandemia-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em 06 nov. 2021.
- PROJETO da UFRB desenvolve nova tecnologia assistiva para pessoas com deficiência visual. **UFRB**, 2021. 22 Fev. 2021. Disponível em: <[https://ufrb.edu.br/porta1/noticias/6097-projeto-da-ufrb-desenvolve-nova-tecnologia-assistiva-para-pessoas-com-deficiencia-visual%20\(citado\) >](https://ufrb.edu.br/porta1/noticias/6097-projeto-da-ufrb-desenvolve-nova-tecnologia-assistiva-para-pessoas-com-deficiencia-visual%20(citado) >). Acesso em 06 nov. 2021.

REALLE, Geovanne; ANTISSERE, Dário. **História da filosofia** (de Freud à atualidade), v.7. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006 (Coleção história da filosofia). Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/x11x0>> Acesso em 6 nov. 2021.

RODRIGUES, Bráulio Brandão et al. Aprendendo com o imprevisível. Saúde Mental dos Universitários e Médicos na pandemia de Covid-19. Revista Brasileira de educação médica [online]. 2020, v.44 n. Supl 01. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200404>>. Epub 02 Out 2020. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200404>. Acesso em: 6 nov.2021.

SABERES, Natal, v.19, n.2, p.234-423, Ag. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/13544/10686/>> acesso em 09 jun. 2021.

SARDÁ, Daniela Nienkötter. A história do ensino da filosofia no sistema escolar francês e brasileiro. História da Educação [online]. 2018, v. 22, n. 56, p. 187-206. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/pv4zRFNVVn3sqfYMQHKcCrm/?format=pdf&lang=pt>> acesso em: 05 jun. 2021.

SCHOPENHAUER, Arthur. Da filosofia universitária [A influência do estado hegeliano e da teologia na filosofia]. In: _____. **Sobre a filosofia universitária**. São Paulo: Ed. Folha de São paulo, 1988. p.1-7. Disponível em: <<https://notaterapia.com.br/2017/11/06/20-livros-de-arthur-schopenhauer-para-download-gratuito/>> acesso em: 28 maio. 2021.

_____. Pensar por si mesmo. In: _____. **Do pensar por si**. Tradução, edição, prefácio e notas de Pedro Sússekind. 2º ed. Porto Alegre: Editora: L&PM Editores, 2009 (Coleção L&PM POCKET, v. 479). Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/55e581>> Acesso em 06 nov. 2021.

_____. _____. **Dores do Mundo**. Tradução: José Souza de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2019. Disponível em: < <https://lelivros.love/book/baixar-livro-as-dores-do-mundo-arthur-schopenhauer-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>> Acesso em: 18 maio. 2021.

_____. _____. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de Jair Barboza. 2ºed. São Paulo: Editora Unesp, 2005. Disponível em: <<http://heliohintze.com.br/admin/modSite/arquivos/post/616d4727763ba8efede1a43794cd72e6.pdf/>> Acesso em 28 maio. 2021.

TENENTE, Luiza. Em 10 anos aumenta quase 5 vezes número de alunos que entram em cursos à distância do ensino superior, diz Inep. **G1**. Globo, 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/10/23/em-10-anos-quase-quadruplica-numero-de-alunos-que-entram-no-ensino-superior-e-optam-pela-educacao-a-distancia-diz-inep.ghtml/>> acesso em: 16 maio. 2021.

